

Da semente ao florescer

Júlia Robert Teixeira

03

Escolhendo o solo

O último semestre da graduação em Ciências Biológicas chegou. Finalmente um suspiro e o que eu vou fazer agora? Um mês antes, “Graças a Deus que vai acabar...” e agora “Meu Deus, não quero que acabe!”. Nós esperamos que ao final do curso, estaremos nos sentindo mais preparados, que já teremos decidido tudo a respeito dos nossos próximos passos e a verdade é que mesmo chegando ao fim, é ainda apenas o começo. Não tem nenhuma disciplina ou terapia que forneça qualquer preparo para lidar com vidas e escolher o solo, onde iremos colocar todo o nosso cuidado, com toda certeza, não é uma tarefa fácil. O solo que nos acolheu, foi o da Escola Estadual Walfredo Gurgel, escola essa que faz parte da minha história, pois meu irmão estudou todo o Ensino Médio nela e agora, eu estaria lá, como professora.

Logo conhecemos a nossa supervisora, aquela que nos guiaria — e nos guiou — da melhor forma possível, e soubemos que poderíamos contar com ela. Além dos conteúdos e atividades propostas, ela se tornou amiga e conselheira. As 1ª e 2ª séries nos receberam bem. Câmeras desligadas, microfones silenciosos, mas ao menos no chat, sabíamos que não estávamos sozinhos e não estávamos em nenhum minuto. Segundo Corazza (2012), o verdadeiro problema do professor não é entrar na aula, mas sair da aula, porque antes mesmo de iniciá-la, ela já está em tudo e dessa maneira, aparecem as incertezas, como: “Qual a melhor maneira de conduzirmos nossas aulas?”; “Será que eles vão participar?”.

Então é para isso que serve a preparação do solo... A gente não sabe se vai dar certo,

mas é preciso dar o primeiro passo, ou melhor, a mão na terra, dar as melhores condições para que no momento do plantio, essa semente possa crescer saudável. Além de não hesitar, quando as incertezas chegarem, pois a partir desses próprios questionamentos, é que nos tornamos prontos para a colheita.

Plantando a semente

O ato de plantar a semente, emprega a interação do ser com o solo. No estágio, essa interação foi sendo construída a cada encontro com os estudantes e a cada dia, tentando tornar o ambiente da sala de aula — remota — mais agradável. O ensino remoto veio para nos mostrar o quanto a gente consegue se reinventar a cada nova jornada. Assim, como uma semente que no processo de brotamento se depara com as adversidades do meio externo, a gente precisa aprender a superar. Mas isso não é tão simples assim. A ansiedade, o medo de não dar conta, de não ser claro, de ser chato, o cansaço... Tudo isso, veio para nos tirar da nossa zona de conforto e nos levar a um passeio que nos lembra uma montanha-russa.



(Tivasee/Pexels)

Longas horas em frente ao computador, muitas leituras, atividades para fazer, correção de atividades... Tudo isso, com o objetivo de motivar os estudantes a não desistirem da gente. Mas como ser o motivador se estamos desmotivados? Eu nunca quis ser professora, não até o primeiro semestre do curso. Lá em 2016, eu precisei sair da minha zona de conforto, sair dos laboratórios — algo com que eu já tinha familiaridade —, guardar o jaleco e seguir para a sala de aula. “O que eu posso oferecer?” Eu nem nunca fui a aluna que mais orgulhou meus professores de Biologia, como que agora eu vim parar nessa posição? Bom, eu não sei.

Ser professor é difícil. Eu cresci com o discurso de que para ser professor você tinha que ter um dom. Eu não acho isso. Eu não tenho um dom — por mais que os outros falem isso —, eu tenho coragem. Coragem para enfrentar tantas realidades que irei me deparar, tantas histórias para conhecer e, principalmente, muita coragem para encorajar o outro. A gente acha que uma pessoa só está crescendo porque ela está no topo do pódio e esquecemos que uma semente já está brotando lá dentro do solo. A radícula é tímida e por vezes, a gente acha que nada está acontecendo, mas de repente, num olhar despretenso a gente enxerga vida.

Uma das minhas maiores preocupações em me tornar professora é saber se o que eu ensino faz sentido para o estudante. Se aquele conhecimento vai acrescentar algo na vida desse ser ou se eu estou apenas repassando o que me passaram. Lembro de uma aula do estágio IV, em que foi apresentado um trecho do “Livro dos abraços”, escrito por Eduardo Galeano (2012), que diz o seguinte:

“O cacique levou um tempo. Depois, opinou:

– Você coça. E coça bastante, e coça muito bem.

E sentenciou:

– Mas onde você **coça** não **coça**.”

E isso mudou algumas coisas dentro de mim.

Cuidado constante

Hoje eu sei que me tornei o melhor que podia ser. Ser professora é o melhor que eu posso ser. Para muitos é pouco, é falta de opção ou de motivação, para mim é cuidado. É lembrar de quem cuidou de mim e confiou sua coragem para me impulsionar lá para frente. Quando a gente planta algo, a gente fica ansioso para colher, mas é nesse período, entre o plantar e o colher, que a gente aprende sobre o cuidar. Preparar a aula é difícil, dar a aula é difícil, mas nada disso é difícil ao ponto de nos preocuparmos em como esse conteúdo chega para nossos estudantes.

Será que vai fazer sentido? Será que ele aprendeu? Será que está acontecendo algo em casa? Por que será que ele não fala nada? Se isso já é difícil de saber presencialmente, à distância não é nada fácil. Ao longo do estágio essa preocupação foi diminuindo, a utilização de jogos e atividades mais interativas ajudavam os estudantes a entender melhor o assunto e assim, a gente dormia tranquilo. Mas uma preocupação ainda é válida: a gente estava preocupado com os que estavam ali, e o restante que não ia para a aula?

Florescer

O último dia de estágio passou mais rápido do que qualquer um. Ensaiei um discurso de até logo, achando que ficaria mais fácil, mas logo a chamada de vídeo acabou e a realidade chegou. Enviamos um questionário online, com o objetivo de que eles nos avaliassem... Mal sabem eles, que às vezes eu fico lá olhando o que eles disseram e como isso muda o meu dia.

“Aprendi coisas interessantes que morria e não sabia. Vocês são perfeitos!” (FONTE PESSOAL, 2022).

Amei as aulas com vocês, tudo bem explicado se tem alguma dúvida vocês tiraram apesar de eu não ser muito comunicativa pois tenho muita vergonha mais adorei ter vocês. Sentirei saudades, quando volta as aulas presenciais tratar de ir na escola ver nós!

[...] fazem parecer que é só uma conversa e q n precisamos nos preocupar ou ficar tensos, só de acompanhar a conversa já seria o suficiente...

[Eles] sempre tentavam explicar da maneira mais fácil de entender possível e sempre davam exemplos bem claros.

(FONTE PESSOAL, 2022)

Bom, esses foram os pontos **positivos**.
Vamos aos **negativos**:

Vocês irem embora, tirando isso não tenho nenhum vocês são perfeitos.
Nenhum. Vocês merecem crescer.
Teve algum ponto ruim?
Nenhum. Só que acabou muito rápido...
(FONTE PESSOAL, 2022)

A minha primeira experiência de aula foi como bolsista de extensão. Lá em 2018, eu

decidi que queria estar ativamente na universidade. Tentei algumas seleções de bolsas, mas não consegui nenhuma. Na primeira semana de aula, a nova professora falou de um projeto que ela iria realizar e iria precisar de bolsistas, mas era para a construção de uma horta escolar... Eu cuidando de plantas? Logo nessa bolsa, eu passei. E ali mudou tudo. Eu era a semente de outra pessoa, ela preparou o solo, sempre atenta aos cuidados comigo. E mesmo ela não estando mais por perto, eu sei que floresci.

Esse é o mesmo sentimento que quero levar a cada solo que eu passar. De uma maneira ou outra, a gente sempre floresce. Tem vezes que demora demais, que a gente acha que está errando... Será que é muito sol? Será que é muita água? Às vezes é só o tempo, pedindo paciência, nos ensinando a olhar ao nosso redor e insistir. Como em uma frase que um dia escutei: “É pela fresta que se entra luz”, a gente só precisa ver. Porque quando menos se espera o outro floresce e então, a gente entende e planta de novo.

Referências

CORAZZA, SANDRA. **Dedicatório de criação:** Aula cheia, antes da aula. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012.
GALEANO, EDUARDO. **O livro dos abraços**. 9. ed. - Porto. Alegre: L&PM, 2012.